

# Revolução Socialista

**Jornal Posadista**

Continuação do  
Jornal  
**Frente Operária,**  
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido” (J. Posadas) Ano 09 – Nº 24 – Maio de 2008 – R\$1,00

EDITORIAL

## As condições para as mudanças de rumo para um Governo Popular baseado nos sindicatos

A elevação do apoio popular a Lula e a ineficácia da campanha moralista da direita para a desestabilização do governo, são dois lados da mesma moeda. O crescimento da popularidade de Lula ocorre apesar de todos estes ataques da mídia capitalista contra ele, indicando que, na verdade, a burguesia jamais aceitou que Lula fosse eleito, como não aceita que seu governo não seja um desastre reumbante, muito menos que receba da parte das camadas mais proletárias da sociedade, apesar de uma série de medidas erráticas, a compreensão e uma atitude tática materializada nesta popularidade. Setores da esquerda podem até desdenhar e questionar a validade política desta popularidade, mas o comportamento da direita diante dela, seja por meio de uma arrogância desesperada, seja pelos ataques mais descabidos que FHC é escalado para fazer contra Lula, seja pelo tom de campanha anti-Lula em que se transformou o noticiário, até mesmo certas telenovelas, indica o medo de uma derrota eleitoral agora em outubro, que já vislumbram nova derrota em 2010.

A direita revela-se desconcertada diante da popularidade de Lula, ainda que

muitas medidas na política econômica e financeira beneficiem amplos setores do capital, a começar pelas altíssimas taxas de juros que remuneram o capital parasitário de modo indecente, sem qualquer demonstração de que há necessidade desta condescendência ante a burguesia. Lula segue fazendo um “*bonapartismo sui generis*” – um discurso com medidas para neutralizar a direita e outro para atender aos segmentos mais excluídos da sociedade, bem como para o movimento sindical e a classe trabalhadora em geral, com o quê também intimida a direita. Um exemplo marcante disso ocorreu na semana que passou quando após lançar uma Política Industrial que apoia o empresariado e fortalece as exportações, mas também aumentando a presença do estado como alavanca desta política (conforme destacam os economistas de esquerda localizados no IPEA), Lula, no dia seguinte, comparece ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em ato de comemoração dos 30 anos da Greve da Scania, quando o movimento sindical deu nova arrancada no Brasil, trazendo como frutos a formação do PT e a organização da CUT. Entre estas medidas que ampliam a relação de Lula com os trabalhadores está a legalização das centrais sindicais, um dos fatores decisivos que resultaram no golpe militar de 64



O presidente Lula comemora os 30 anos da greve da Scania no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

contra Jango que estava prestes a legalizar a unificação sindical da classe trabalhadora.

Novas arremetidas da direita já estão sendo desenhadas com a posse do conservador Gilmar Mendes na presidência do Supremo Tribunal Federal. Basta lembrar que na solenidade da sua posse Mendes fez um discurso bem sintonizado com o da oposição conservadora, atacando as medidas provisórias, e colocando na primeira fila de convidados, no local reservado aos familiares e ex-presidentes da república, a sombria figura golpista de Roberto Marinho Filho, presidente das Organizações Globo, principal partido político da direita no Brasil. Poucos dias após a posse de Mendes, um grupo de acadêmicos e intelectuais, com alta promoção e sintonia com o jornalismo da Globo, entrega no Supremo um manifesto contra o sistema de cotas que permitiu o ingresso de centenas de milhares de estudantes pobres e negros na universidade brasileira., um dos projetos dos quais Lula mais se orgulha. Ele não teve oportunidade de cursar a universidade, mas está adotando medidas

para que muitos milhares de “Lulas” tenham as condições de fazê-lo.

Todas estas ações orquestradas por parte da direita terminam por revelar um temor de que de fato Lula e o PT decidam-se pela tentativa de uma reforma constitucional que permita sua permanência no governo por mais um mandato. Sabe muito bem a direita que a regra no Brasil é a mudança de regra a cada eleição. Por isso ela mesmo teme que agora, aquilo que ela sempre praticou de modo golpista e casuístico, ao arripio das leis e sem apoio popular, seja uma alternativa que Lula submeta democraticamente a um plebiscito popular, com enormes possibilidades de aprovação. Sobretudo porque o cálculo no raciocínio popular é que o risco da volta dos tucanos ao poder seja a retomada das privatizações, a repressão contra os movimentos sociais, a direitização da política externa para uma sintonia com os EUA, abandonando as ações para uma integração com Argentina, Bolívia,

(continua na página 2)

Irã

Página 3

A Batalha de  
Cuito Cuanavale

Página 4

Integração  
Latino-americana

Página 6

Movimento  
anti-OTAN

Página 7

O maio de 68

(J.Posadas)

Página 8

## EDITORIAL

Venezuela, e com os países do BRIC (Rússia, China, Índia e África do Sul), o que se constitui em um contra-balanço parcial aos planos provocativos e de cunho militar do imperialismo ianque em escala regional e também internacional. Ou seja, os EUA não podem contar com o Brasil hoje, ao contrário, a política de Lula foi determinante para a derrota da ALCA, como destacou o próprio Hugo Chávez.

Ao contrário, longe de sinais que indiquem reaproximação com a política que favorecia aos EUA no passado, o Brasil está emitindo sinais concretos de que uma pressão nacionalista evolui na sociedade e no interior do próprio governo Lula. Ainda que nada disso seja organizado pelo PT, ou pelas Centrais Sindicais, que seguem numa atuação descontínua, sem presença dirigente e programática nas lutas sociais, incapazes até mesmo de montar uma imprensa de caráter popular e de massas, para organizar e politizar a relação desta popularidade difusa das grandes massas com o governo. O que intimidaria ainda mais a direita desnordeada e encorajaria alas mais de esquerda no governo a uma ação que leve Lula mais à esquerda em muitas de suas políticas. Como, por exemplo, na gritante urgência para que a **TV Brasil** seja o mais rápido possível captada como tv aberta em todo o território nacional, contra-balançando a campanha midiática anti-lula disfarçada de jornalismo. Exemplo disso, são as declarações do próprio ministro das Minas e Energia, Edson Lobão, cujo passado conservador é conhecido, afirmando que o Brasil tem necessidade de uma nova Lei do Petróleo para que as novas riquezas petroleiras recém descobertas não sejam pura e simplesmente destinadas às petroleiras transnacionais e aos acio-

nistas gringos, ao contrário do que sustenta ,surpreendentemente, o Diretor-Geral da Agência Nacional do Petróleo, Haroldo Lima. Ou seja, as nacionalizações adotadas pela Venezuela, o Equador, a Bolívia, a China e a Rússia, têm efeito sobre correntes do governo Lula dispostas a um enfrentamento superior com o imperialismo, ademais porque percebem que estão presentes as condições políticas para que uma política mais antiimperialista seja assumida. Um exemplo disso, está na recuperação da indústria naval a partir de iniciativas do estado, gerando milhares de emprego, fortalecendo o movimento operário e, ao mesmo tempo, retomando parcialmente a soberania produtiva, devastada pela trágica Era Neoliberal que destruiu a marinha mercante brasileira, para favorecer o capital externo pura e simplesmente.

**Empresa Brasileira de Agroenergia**

Um outro exemplo destas condições é a decisão positiva de Lula de assumir a polêmica mundial com a indústria petroleira (que também controla o fluxo de informação internacional) em defesa da energia renovável. Tem bastante importância quando Lula denuncia que há uma “guerra comercial contra o Brasil” por trás das críticas que a produção de etanol vem recebendo, pois não há nexos entre a produção de biocombustível no Brasil e a elevação do preço dos alimentos, cuja causa fundamental é o monopólio internacional do setor pelas transnacionais e a alta especulativa do preço do petróleo, elevando o custo de produção da agricultura petro-dependente e o do transporte.

Entretanto, o melhor argumento que Lula lançar não nesta polêmica seria o exemplo de ter uma empresa estatal de agroenergia que viabilizasse a produção de biocombustível numa aliança com a agricultura familiar, sem danificar a biodiversidade, gerando milhões e milhões de emprego e renda, não sucumbindo à monocultura, inevitável quando o biodiesel é produzido a partir da soja, que além de ser menos eficiente energeticamente, trata-se um setor controlado por cartel de 3 empresas transnacionais. Ou seja, o que Lula poderia mostrar ao mundo é que no Brasil a energia renovável, além de contribuir para a descontaminação ambiental (calcula-se que em 30 anos de etanol o Brasil retirou da atmosfera 650 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>. Que outro país teria oferecido uma contribuição semelhante para o desaquecimento global?) e preservar a biodiversidade, alavanca a agricultura familiar, impulsiona a produção de alimentos, descentralizando a produção, possibilitando a auto-suficiência

energética regionalizada, além de criar as bases para uma nova etapa produtiva da humanidade, em substituição à inevitável e previsível derrocada da era dos fósseis. Um papel dirigente para a concretização desta aliança entre o Governo Lula e a agricultura familiar, o MST, o MPA, poderia estar sendo desempenhado pelo PT, que em seu último Congresso até apoiou a resolução pela criação de uma Empresa Brasileira de Agroenergia e pela realização de uma campanha “*A agroenergia é nossa*”; mas, esta resolução ainda não foi colocada em prática, apesar da positiva ofensiva do Lula em defesa da energia renovável. Por isso é urgente a criação desta empresa estatal para barrar o processo de desnacionalização territorial que visa transformar o Brasil numa “plantation”, sob o comando do capital externo, sendo insuficiente a criação de uma subsidiária da Petrobrás para o biocombustível, já que é da natureza intrínseca da Petrobrás operar, planejar e pesquisar dentro da ótica dos combustíveis fósseis, e sob forte influência negativa dos acionistas internacionais da petroleira.

**Conselho de Defesa Sul Americano**

Também deve ser considerada como forte indício de uma posição mais independente do Brasil ante o imperialismo a proposta de criação de um **Conselho de Defesa Sul Americano** sem a presença dos EUA, que chegaram mesmo a oferecer-se para participar, oferta rejeitada pelo Ministro da Defesa, Nelson Jobim. A resposta dos EUA não se fez esperar, nem é direcionada exclusivamente ao Brasil, mas também a Venezuela: a reativação da a Quarta Frota para a América Latina. O tom deste enfrentamento surdo pode ser medido pela declaração recente de Jobim: “A esquadra dos EUA não entrará sem autorização em águas territoriais brasileiras e nem será autorizada a realizar fiscalização por aqui”. Também tem sentido nacionalista – embora desacompanhada de um programa adequado – a declaração do Comandante Militar da Amazônia de que “forças internacionais querem criar um novo Kosovo”, advertindo e criticando ao mesmo tempo a ação imperialista dos EUA que inventaram um país no coração da Jugoslávia, não sem antes bombardeá-la por uma campanha noticiosa manipulada e depois com mísseis carregados com urânio “empobrecido”. A declaração indica que no meio militar brasileiro está presente um cálculo que o Brasil pode ser um alvo uma operação separatista, especialmente em razão de sua imensa riqueza em minerais estratégicos e biodiversidade, cobiçada pela indústria químico-farmacêutica e pela in-

dústria bélica, aliás, interligadas. Considerar esta declaração do General Heleno não significa apoiar grileiros-arrozeiros, nem desconhecer os direitos indígenas à demarcação de terras. A questão central está na necessária mudança do modelo de desenvolvimento tanto para a Amazônia como para o resto do País, discussão até agora ausente nesta crise de Roraima, onde também não se deve adotar posição ingênua sobre a atuação das ONGs remuneradas por estados imperiais que nunca esconderam a sua tese de internacionalização da Amazônia. Deve ser discutido atentamente o exemplo de medida adotada pela Venezuela Bolivariana que, após perceber a atuação colonizadora e desagregado do movimento “evangélico” chamado Novas Tribos entre os indígenas da amazônia venezuelana, os expulsou, porém substituindo aquela presença nociva à soberania nacional venezuelana pela criação de um Ministério Indígena, diretamente dirigido por indígenas, que tiveram seus direitos reconhecidos na Constituição Bolivariana, e por uma efetiva presença do poder público na região, com apoio de medidas de estado para a educação, a saúde, a eletrificação, etc das comunidades indígenas. No Brasil falta um projeto que permita aos indígenas não serem vítimas nem de agressões de grileiros e madeireiros, nem da manipulação de ONGs remuneradas pelo imperialismo. Falta desenvolver uma aliança já existente entre militares e indígenas, ao contrário da linha de jogar índios contra militares. Para isso, é preciso um modelo de desenvolvimento que não se limite à simples demarcação das terras indígenas, mas que inclua políticas públicas que permita às comunidades indígenas superar os indicadores de miséria. Mantidas suas tradições e sua cultura.

É urgente superar a falta de iniciativas do PT e das centrais sindicais que podem perfeitamente aproveitar as correlações de forças para aprofundar uma tática junto aos movimentos sociais, às forças progressistas, incluindo os militares nacionalistas, para debater a necessidade de mudanças no modelo econômico, superando a armadilha das altas taxas de juros, do aumento desenfreado da dívida pública, da esterilização de recursos para saciar a ganância da oligarquia financeira. Existem condições para uma tática que tem como base o apoio dos sindicatos e dos movimentos sociais ao governo Lula, com o que se cria as condições para corrigir e superar políticas que ainda mantêm o Brasil numa posição semi-colonial, privilegiando a produção e exportação de produtos primários. As condições para uma mudança de rumos no governo existem. E esta mudança é urgente. ●

**Expediente**

“Revolução Socialista”  
Órgão da Corrente Posadista do PT

Regulamentada junto ao  
Diretório Nacional

Continuação do Jornal “Frente  
Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável :

C. Almeida – Reg. Prof. 1449/SP  
E-mail:

revsocialista@yahoo.com.br

Página Web:

www.revolucaosocialista.cjb.net

Brasília DF

Circulação interna ao PT

## O campo minado das eleições no Irã e o aprofundamento da luta pelas transformações sociais

*Em fins de abril de 2008 se realizou o segundo turno das eleições para o novo Parlamento do Irã, dando a vitória aos radicais-fundamentalistas que atingiram 75% dos votos com a completa derrota das tendências liberais. O processo das transformações continua com uma maior aceleração de substituição de ministros pró-capitalistas favoráveis às privatizações. O Parlamento, apoiando o executivo e o presidente Ahmadinejad, tem colocado sob pressão o poder Judiciário para que defina e publique rapidamente todos os dossiers de denúncia de corrupção. O próximo passo será de uma importância revolucionária decisiva para os destinos do país e da revolução para o Irã e toda a região.*

O terreno das eleições políticas do Irã foi cuidadosamente minado, passo a passo em todos os aspectos da vida cotidiana e do trabalho, sobretudo nos últimos meses antes das eleições. O poder econômico, após haver perdido o executivo nas eleições presidenciais de 3 anos atrás e o legislativo há 4 anos, sabotou todo tempo a cada passo, conduzindo todos os bens de consumo a um mercado selvagem, com altas incontroladas dos preços até o ponto em que as pessoas comuns, a poucos dias do início do ano novo persa, não conseguissem comprar nada: nem frutas, nem alimentos, nem vestidos novos. Tudo o que se tocava se converteu em ouro. O transporte público, após a privatização silenciosa, tem piorado e os ônibus lotados têm apresentado atrasados cruéis; e em alguns lugares, não existem mais porque foram eliminados para dar lugar à rede privada que cortou os ramos secos. Os vôos aéreos chegam com um atraso inexplicável. As redes privadas ficam sem combustível porque há anos estão endividadadas com o Estado; fazem chantagens utilizando imagens das enormes filas de espera; e a companhia estatal em determinado momento não fornece mais combustível culpando os consumidores.

Os depósitos e os trâmites alfandegários nos portos ficam retidos por meses, e os navios aguardam inutilmente pedindo ressarcimento de danos ou boicotando os portos iranianos. As contas não batem e a divisas estrangeiras que, contrariamente ao parecer do executivo, ficam em milhões de dólares nos Bancos



O presidente Ahmadinejad aclamado pelo povo em uma das suas viagens na região do Golestan no Irã.

imperialistas e subordinados ao embargo, ao congelamento e ao seqüestro, não são oficializadas.

Os empresários e os produtores não são pagos e se dirigem aos usurários cobertos pela jurisdição e pelos Bancos, terminando na cadeia. Os trabalhadores não são pagos há meses. Os Bancos não pagam os salários dos trabalhadores que foram reduzidos ao mínimo. O governo aumenta o salário, mas as fábricas não pagam. Quando o governo abaixa o custo do dinheiro com um decreto, os Bancos não fazem mais empréstimos. A inflação aumenta porque cada Banco imprimiu ilegalmente a sua moeda, aumentando a massa monetária. Enfim, um plano de sabotagem bem preciso para dispersar as pessoas, retomar o parlamento e derubar o governo de Ahmadinejad.

A burguesia carreirista não tem nome. Os ultra-ricos que têm tudo, principalmente no exterior e nos Bancos de Dubai, de onde comerciam e importam através de portos francos, não têm cara e nem nome e, portanto, não pagam impostos. Mas, se alguém for à Câmara de Comércio de Teerã, os encontrará lá. Eles

estão na testa de todo o grande comércio, da distribuição das grandes fábricas de cada gênero. Mas ali se encontram também alguns dos fundamentalistas que controlam a parte do “Bazar” tradicional.

A esta sabotagem se agregam as ameaças que cada dia o imperialismo tem feito contra o Irã com prováveis bombardeamentos nucleares. Além disso, se juntam as pressões políticas e as chantagens da Comunidade Européia. Eles prevêm que a central nuclear de Bushehr, com o combustível russo não funcionará jamais. Contudo, não conseguiram nada. Ahmadinejad realizou mais de 300 viagens ao interior do país com o seu governo itinerante levando a sua política social e antiimperialista; fez denúncias veementes contra a corrupção nos Bancos, contra as privatizações dos grandes grupos, contra os que se sentem donos do país, contra os espíões de cima. A última foi que o irmão de Khatami, o ex-presidente neo-liberal, é informante dos embaixadores alemão e inglês que instigavam o Conselho de Segurança da Onu a acelerar a decisão de condenação ao Irã contra a sua atividade de enriquecimento de urânio. Se não fosse por este turbilhão de atividades que criou um centro de intervenção das massas, a renovação do parlamento teria tido maus resultados dando início a qualquer tipo de provocação. O exemplo deste risco é dado pelo fato que em Teerã votaram somente 35% ao passo que nas periferias pobres votaram 65%. Desta forma o grande centro se apresentou perigosamente isolado do resto do país. Quem são os que não foram votar? A burguesia tinha todas as razões para intervir; tinha os candidatos, o dinheiro e a economia, os planos de desestabilização e votou! Mas, a burguesia socialmente não tem tanto corpo social.

Enquanto isso, a pequena burguesia descontenta que não se sente realizada e tem medo de perder o pouco que tem, que não é protegida legalmente para poder reivindicar os próprios direitos, que não é muito pobre, que acompanha o ocidente em tudo e que é a matéria prima para sustentar uma “revolução de veludo”, não votou em Teerã, onde se concentra a riqueza e o poder.

Em Teerã capital é preciso considerar um outro fato. Neste ano, na manifestação do aniversário da revolução islâmica, houve uma enorme participação. A pro-

vável razão porque nem todos votaram, é que enquanto naquela festa se agruparam política e socialmente entorno ao presidente, eleitoralmente não se identificaram, não encontraram o instrumento, o partido próprio e os personagens em quem votar. O fato que a classe operária não intervém de forma independente com um programa anti-capitalista confunde a pequeno-burguesia. Mas este vazio vem sendo substituído pelo desenvolvimento das medidas de Transição e Transformações Sociais de Ahmadinejad, que saudou o Primeiro de Maio e destituiu dois ministros capitalistas. O novo ministro da Economia e Finanças impôs ao Banco Central de fechar as “veias abertas” e as torneiras, enquanto o Parlamento de fim de mandato publicou uma longa lista de Bancos, alfândegas, ministérios, imobiliárias e comércios corruptos passando por cima, declaradamente, do Poder Judiciário, intimando-o a terminar as demoras processuais, com quase 120 tramitações burocráticas, e declarar nome e sobrenome dos condenados, o que seria uma verdadeira explosão no cenário iraniano. E agora, o parlamento acaba de impor a destituição do Diretor do Controle Alfandegário e o da Receita Federal. Foi também afastado o chefe de Governo para os Bancos e Seguros. A limpeza continua sem se esperar pela decisão da Magistratura.

Apesar de todos os fatores negativos objetivos e subjetivos, a participação em porcentagens aumentou em 10 pontos com relação a 4 anos; dos 60% dos participantes 70% votou pela chapa dos fundamentalistas que por sua vez se renovou em quase 70% eliminando os que haviam conciliado com a burguesia. Portanto, o problema continua sendo a crise de programa dos próprios fundamentalistas, entre Reforma de estrutura e Transformações Sociais por um lado, e por outro lado a corrida contra o obstáculo às privatizações em curso. Enquanto isso houve um encontro em Teerã entre os 12 países fundadores da OPEC do gás, tendo na cabeça a Rússia e o Irã como dois dos maiores produtores de gás. A reunião definitiva será dentro de poucos meses em Moscou contra todas as ameaças dos países imperialistas europeus e dos EUA.

Do nosso correspondente no Irã  
6 de maio de 2008

# Cuito Cuanavale: o princípio do fim do *apartheid*

Há 20 anos, em 23 de março de 1988, travou-se no sudeste de Angola a decisiva **Batalha de Cuito Cuanavale**, na qual tropas angolanas, de Cuba e da SWAPO, movimento armado de libertação da Namíbia, unidas, derrotaram tropas do regime racista da África do Sul, que tinham o apoio da Unita e dos EUA.

Não surpreende que os meios de comunicação comerciais, sempre tão zelosos em comemorar as datas mais banais, seja sobre um desfile de moda, uma festa grã-fina ou um festival de cerveja ou de rock, tenham a mais completa insensibilidade para um registro, ainda que informativo, sobre esta Batalha de Cuito Cuanavale, epopéia tão marcante na caminhada da humanidade para enterrear um dos mais selvagens e brutais regimes da história, o apartheid mantido por décadas pela oligarquia racista da África do Sul, obviamente, com a sustentação da “democracia” norte-americana.

Vale lembrar. Em 1987, a situação em Angola se agravava drasticamente. Aliás, nunca tinha sido tranqüila a situação para o movimento de libertação de Angola, desde o início de sua luta contra o colonialismo português. Depois de fundado no início dos anos 60, o MPLA, dirigido pelo poeta e médico Agostinho Neto, consegue grandes avanços a partir da Revolução dos Cravos, quando o movimento de militares revolucionários derruba a ditadura salazarista em Portugal, a 25 de abril de 1974. O colonialismo português entrava em colapso total, o novo governo português, dirigido por militares revolucionários adota posição de solidariedade para com os movimentos de libertação das ex-colônias portuguesas. A 11 de novembro de 1975 as tropas do MPLA tomam a capital Luanda e declaram a Independência e a fundação da República Popular de Angola. Mas, não houve paz. Imediatamente, os EUA que já haviam patrocinado com dinheiro e armas a criação da Frente Nacional para a Libertação de Angola,



Agostinho Neto



Fidel Castro



Nelson Mandela

dirigida por Holden Roberto e com apoio total do governo reacionário do Zaire, de Mobuto Seseke, e também a Unita, dirigida por Jonas Savimbi, com apoio direto do regime racista da África do Sul, determinam ações para desestabilizar o novo governo angolano, impedindo que a independência fosse seguida da reconstrução de um país dilacerado pela guerra colonial. A guerra recrudescer em Angola, país rico em diamantes e petróleo; o exército da África do Sul intervém diretamente.

---

### Brasil reconhece Angola e Kissinger vem ao Brasil

---

Agostinho Neto solicita ajuda militar de Cuba, que, com o apoio da URSS, atende. Um fato notável é que o primeiro país a reconhecer o novo governo de Angola é o Brasil, então presidido por Ernesto Geisel. A posição brasileira causou grande insatisfação junto ao governo dos EUA. Aliás, o reconhecimento brasileiro à Independência de Angola inseria-se num leque de medidas da política externa brasileira de então – tais como o reatamento com a China, a Romênia, o acordo nuclear Brasil-Alemanha e o rompimento de um Tratado Militar com os EUA e outras – que já indicava um outro alinhamento internacional do Brasil, chegando a motivar uma visita repentina do Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, ao Brasil. Segundo os relatos, Kissinger teria reclamado junto ao presidente Geisel da política externa brasilei-

ra. Teria mesmo dito, em tom de ingerência, que a postura brasileira reconhecendo o governo de Agostinho Neto representaria na prática “fazer o jogo do comunismo internacional, o Brasil alia-se a Cuba”. A resposta de Geisel teria deixado Kissinger surpreendido e irritado: “Senhor Secretário, a nossa política externa não está em debate com o senhor!” Bem diferente da diplomacia de “pés descalços” e subserviente que o Brasil veio a experimentar nos anos 90, a era da privatização

---

### Cuba pega em armas contra o apartheid

---

Apesar da solidariedade militar cubana a Angola, a crescente intervenção dos EUA no conflito, através da África do Sul, faz com que boa parte do território do país escape do controle do governo angolano. Em outubro de 1987, o Presidente angolano José Eduardo Santos expõe a Fidel Castro as dificuldades monumentais e o risco de uma derrota militar. Solicita, uma vez mais, que Cuba conceda mais apoio militar. A dramática situação angolana é analisada exaustivamente pela direção cubana que decide empenhar-se ainda mais decisivamente na guerra de libertação do povo angolano, baseando-se nos princípios do Internacionalismo Proletário, inscrito na Constituição Socialista de Cuba.

As tropas angolanas e cubanas posicionadas na localidade de Cuito Cuanavale, estavam sob intenso bombar-

deio do exército racista da África do Sul. O risco de massacre era iminente. Enquanto resistiam, um novo plano estava sendo elaborado em Cuba para inverter esta situação desfavorável. Em sucessivas viagens de 15 horas de Havana até Luanda – num itinerário inverso ao dos navios negreiros – aviões transportam dezenas de milhares de soldados cubanos. Há também o fornecimento de mil tanques, milhares de baterias anti-aéreas e num prazo recorde de 60 dias é construído um aeroporto com estrutura suficiente para pouso e decolagem dos modernos aviões Mig-23, de fabricação soviética, que Cuba também forneceria a Angola, juntamente com seus melhores pilotos. O plano estava traçado para a Batalha final de Cuito Cuanavale: 40 mil soldados cubanos bem armados e treinados, 30 mil soldados angolanos e 3 mil guerrilheiros da SWAPO, o exército de libertação da Namíbia, país que também estava ocupado por tropas da África do Sul.

---

### Rumo ao sul

---

Fidel havia encarregado o general Cintra Frias, veterano guerrilheiro de Sierra Maestra, do comando destas operações em território angolano. Na oportunidade, Castro teria confessado ao líder do Partido Comunista da África do Sul, o branquelão Joe Slovo, que a estratégia seria como a de um boxeador: “*Enquanto seguramos o inimigo com a mão esquerda (Cuito Cuanavale), vamos atacando com o punho direito*”. A situação militar se inverte graças a esta massiva e preparada intervenção cubana, país que chegou a enviar a Angola, ao longo dos anos, cerca de 350 mil homens e mulheres internacionalistas, garantindo de fato a verdadeira independência na jovem nação africana.

Não suportando os golpes recebidos – em especial uma grande surra promovida pela atuação dos pilotos cubanos nos MIG-23 – as tropas da África do Sul so-

frem uma derrota fundamental na Batalha decisiva que Nelson Mandela assim descreveria: “*Cuito Cuanavale foi a virada para a luta de libertação do meu continente e do meu povo do flagelo do apartheid!*”

Sem dúvida, a luta de libertação da Namíbia também recebia um grande impulso, e dois anos mais tarde, este país também declararia a sua Independência. Entretanto, o governo racista de Botha preocupava-se, pois pela potência e envergadura da estratégia armada por Cuba no sul de Angola chegou a imaginar que as tropas cubanas pudessem dirigir-se rumo ao sul, ou seja, rumo a Pretória. Na fuga, as tropas racistas bombardearam pontes, revelando medo de uma ofensiva rumo ao sul. Enquanto as batalhas ocorriam, com sucessivas derrotas impostas às tropas da África do Sul, ocorriam no âmbito da ONU as famosas negociações em busca de um acordo, negociações em que os representantes dos EUA exibiam toda sua hipocrisia. Mas, há um diálogo que merece ser lembrado, quando o representante do regime racista nestas negociações pergunta ao representante de Cuba, Jorge Risquet, se havia a intenção de uma ação militar rumo ao Sul, a resposta é dessas que entram para os anais de história militar: “Se eu lhe disser que vamos rumo ao Sul isto seria tomado como uma ameaça, se eu lhe disser que não vamos rumo ao sul, isto seria para vocês um calmante”. Deixou o racista atônito e confuso. E em outra oportunidade deu o toque de realismo que a arrogância sul-africana não queria reconhecer. “*A África do Sul não tem condições de impor na mesa de negociações uma situação de vantagem quando no campo de batalha está sendo fragorosamente derrotada.*” De fato, os negociadores sul-africanos diziam que se retirariam “para a Namíbia”. A história foi diferente, tiveram que sair também da Namíbia.

### Condoliezza e o Ministro Negro

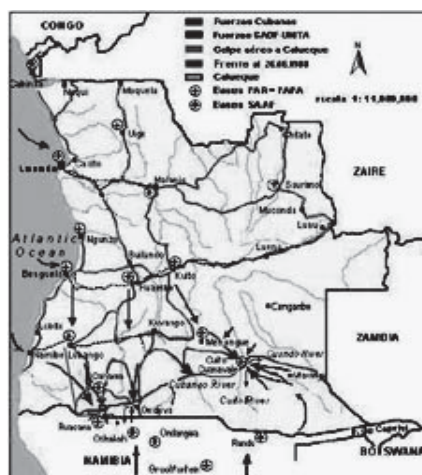
Exatamente quando a Secretária de Estado dos EUA, Condoliezza Rice visitava o Brasil, onde, entre muitos temas mais importantes e nada divulgados, assinou um Plano de Ação pelo qual Brasil e EUA decidem atuar conjuntamente para “eliminar a discriminação racial”, a *TV Cidade Livre*, o canal comunitário de Brasília,

realizava um debate sobre a Batalha de Cuito Cuanavale, com participação de embaixadores de Cuba, Angola, Namíbia e África do Sul, agora livre do apartheid.

O texto firmado por Condoliezza e o Ministro da Igualdade Racial, Edson Santos, afirma que Brasil e EUA “*partilham a característica de serem sociedades democráticas multi-étnicas e multi-raciais*”, o que teria motivado um comentário de Fidel Castro em uma de suas Reflexões do Comandante: “*É assombroso. Penso que é exatamente o contrário o que acontece nos EUA*”. Sem dúvida, basta verificar as condições de vida da população negra que ainda hoje vegeta sob os es-



A solidariedade fundamental dos soldados cubanos em Angola



combros do Furacão Katrina, em Nova Orleans. Ou contar o contingente de negros nas prisões norte-americanas. Ou a quantidade de eleitores negros que foram sub-repticiamente retirados do cadastro eleitoral para assegurar a vitória suspeita de Bush nas decisivas eleições presidências na Flórida em 2000.

Quanto ao Brasil, sabemos que os negros constituem maioria nas prisões, nas filas do desemprego, entre os que recebem os salários mais baixos, entre os que vivem nas favelas, entre os que estão nas fazendas com trabalho escravo. Num quadro dantesco como este, a simples existência de um Ministério da Igualdade, pode ser uma boa notícia, demonstrando

a sensibilidade que o presidente Lula tem para a questão racial; afinal, um de seus grandes amigos na época da fábrica era um negro. Também é importante que uma das primeiras leis por ele sancionada é exatamente a que introduz a disciplina “História da África” nos currículos da escola brasileira.

### Qual foi a nossa solidariedade?

No entanto, não se deve deixar passar a oportunidade para uma reflexão bem mais profunda, por exemplo, a partir da divulgação pela TV Brasil da histórica importância da Batalha de Cuito Cuanavale para a libertação da África do Sul e para o começo do fim do *apartheid*, permitindo às novas gerações tomar conhecimento de que houve um povo capaz de levar sua solidariedade à expressão máxima de concretude: Cuba socialista foi o único país que pegou em armas para combater o *apartheid* e para defender a independência de uma nação irmã ameaçada pela ação colonialista dos EUA em apoio à África do Sul e ao exército mercenário da Unita. Ou seja, nada pode ser mais assombroso, como disse Fidel, que a Condoliezza venha reivindicar seu país como uma democracia multi-racial e multi-étnica.

Cuito Cuanavale deve servir também para os movimentos sociais, especialmente ao movimento negro brasileiro, para refletir que a solidariedade deve ter tradução real, pois não se tem notícia de que os nossos irmãos angolanos tenham recebido do movimento negro, em solidariedade, uma aspirina que fosse. Enquanto que Cuba enviou para Angola 350 mil homens e mulheres, de lá trazendo apenas seus mortos e as medalhas desta vitória que jamais poderá ser apagada da consciência da humanidade. Muito se exalta que o Brasil é o país como maior população negra fora da África, mas qual foi a nossa solidariedade concreta quando ela foi tão necessária? Quando vários estudos registram o seqüestro impiedoso de contingentes negros africanos para formar o escravagismo nas Américas, e isto é uma verdade cruel e inapagável, Cuba foi capaz de inverter o itinerário: negros, brancos e mestiços partiam do Caribe para a Mãe África que estava sendo estuprada pelo *apartheid* e pelos EUA para oferecer solidariedade, para lutar com armas nas mãos, ombro a ombro com angolanos e

namibianos e impor a primeira derrota, que tinha que ser militar, ao *apartheid*. Como disse Mandela, em Cuito Cuanavale se deu a virada. Mas, uma virada marcada pela consciência das tropas cubanas de serem a continuidade histórica do internacionalismo proletário, de fazerem reviver o brado heróico de Stalingrado, de retomarem o exemplo revolucionário das massas vietnamitas que também derrotaram os EUA. Para a África Cuba enviou negros, brancos e mestiços alfabetizados, cultos, um exército bem treinado, com consciência socialista, e que não esteve em Angola para rapinar petróleo ou de diamante, como hoje fazem de modo selvagem e assassino as tropas norte-americanas no Iraque. E a solidariedade cubana com a África não se esgotou naquela histórica epopéia militar: hoje milhares de médicos e professores cubanos trabalham em dezenas de países africanos. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o contingente de médicos cubanos na África supera o número de médicos que todos os países ricos somados têm hoje naquele continente que tanto rapinaram. Por isso, é indispensável um debate mais aprofundado sobre o papel de Cuba e Angola na luta contra o *apartheid*, pois, não faz nenhum sentido falar da luta contra o racismo desconhecendo esta contribuição, ignorar a dimensão histórica da Batalha de Cuito Cuanavale e, ao mesmo tempo, tomar como exemplo de luta anti-racial o modelo norte-americano, quando foram os EUA os principais sustentadores do *apartheid*.

Recomendação ao Ministro Edson Santos: que tal promover um debate sobre a Batalha de Cuito Cuanavale na TV Brasil, exibindo lá os excelentes documentários cubanos sobre esta guerra de libertação, com o que poderíamos furar este enorme bloqueio informativo contra esta verdadeira façanha histórica realizada por Cuba para derrotar o criminoso regime do *apartheid*? O momento é importante, não apenas pela data, mas também porque uma das missões que trouxe Condoliezza Rice ao Brasil é a de intimidar a comunidade de países sul-americanos diante da excelente proposta brasileira de criação de um Conselho de Defesa do Atlântico Sul. Há quem acredite que ela veio aqui para combater o racismo, mesmo sendo tão assombroso acreditar nisto.

# AVANÇA A INTEGRAÇÃO ANTIIMPERIALISTA DA AMÉRICA LATINA

O processo de rebelião contra a dominação econômico-militar neo-liberal encabeçada pelo imperialismo norte-americano, presente no rechaço a estas políticas através da eleição de novos governos populares e de esquerda na América Latina, se propaga de modo significativo retomando as bandeiras do nacionalismo, de Perón, de Getúlio Vargas, de Torres, de Cárdenas, de Gaitan e Sandino e, também a discussão sobre o socialismo, impulsionada por Hugo Chávez. Além disso, o que é mais importante, este processo vai avançando em medidas para uma integração e coordenação bolivariana dos países como jamais visto no continente. Este processo, inevitavelmente, leva a retaliações agressivas, incluindo militares, por parte do império capitalista.

O bombardeio da Colômbia contra o acampamento das FARC violando a soberania do território do Equador, a partir de uma base militar norte-americana em território colombiano, teve o objetivo de travar e destruir o processo de negociação e pacificação, a solução política e o intercâmbio humanitário na Colômbia, mas principalmente, o avanço da coordenação antiimperialista latino-americana centralizado pelos governos revolucionários da **Venezuela e Equador** na região (Equador discute uma nova Assembleia Constituinte e discute a ruptura do convênio para a utilização da base militar de Manta por militares dos EUA). Não obstante o golpe alcançado com o assassinato de dois dirigentes importantes das FARC contra a possibilidade de um acordo por uma frente progressista e democrática no plano interno da Colômbia, o imperialismo não tem podido impedir do ponto de vista regional a intervenção e a articulação aguerrida de governos de esquerda como já expresso na Cúpula do Rio em Santo Domingo, e nos posicionamentos recentes da OEA. O secretário geral da OEA, José Miguel Insulza, defende Chávez, desmentindo as acusações de Bush que o qualificaram como “terrorista e cúmplice das FARC”. Porém, como a demonstrar que não irá ficar de mãos atadas e sem iniciativas, o imperialismo acelera outras ações bélicas e intimidatórias visando provocar uma conflagração entre Colômbia



Lula e Chávez junto aos trabalhadores da Refinaria de Petróleo “Abreu e Lima” em Pernambuco

e Venezuela que lhe daria o pretexto para expandir suas operações militares na região e até mesmo justificar uma ação direta contra a Venezuela rica em petróleo, combustível que se escasseia nos EUA. Não há dúvidas de que não hesitará em desrespeitar a legalidade internacional, como não respeitou as resoluções da ONU ao guerrear contra o Iraque e preparará novas provocações como continua fazendo ao instigar a autonomia reacionária da oligarquia separatista na Bolívia. A reativação da Quarta Frota Naval dos EUA para a América Latina é bem indicativo da forma de sua “resposta”.

Todas essas ações respondem à ameaça que significa para a estabilidade dos interesses do FMI, das grandes corporações financeiras e petroleiras do imperialismo, governos como o de Chávez, Rafael Correa, Evo Morales, Cristina Kirchner, Ortega e também Lula, que têm estabelecido não somente alianças nos organismos e cúpulas internacionais, mas ações concretas de governos onde o poder de estados nacionais tem se reforçado. Vejam-se as nacionalizações de empresas petroleiras e das telecomunicações decretadas por Evo Morales durante o 1º. de maio. E Lula, abre as portas para que a reunião de UNASUR tenha lugar agora no Brasil. A vitória de Fernando Lugo no **Paraguai** reforça e amplia este novo processo latino-americano. O fracasso político da “viagem da morte”, Condolizza Rice, em visita ao Brasil, se resume em decla-

rações posteriores do Ministro da Defesa brasileiro, Nelson Jobim, de apoio aos presidentes da Venezuela e Equador contra acusações de alianças com a guerrilha colombiana; de que o Brasil não permitirá a navegação da Quarta Frota da Marinha norte-americana em águas brasileiras sem autorização do país; e de que a posição do governo brasileiro é pela criação de um Conselho de Defesa Latino Americano, sinalizando uma não subalternidade ao papel imperialista dos EUA na América Latina.

Esta proposta de um **Conselho de Defesa Latino Americano** é mais um elemento importante para afirmar a soberania e integração dos povos na América Latina, como os demais no plano econômico, cultural e comunicacional: a ALBA, o Mercosul, o Banco do Sul, o Banco da ALBA, a Telesur, a Universidade do Sul e o Gasoduto do Sul, que já são projetos em marcha. É indispensável uma indústria militar unificada, com tecnologias nacionais e produção independente das multinacionais, uma coordenação militar latino-americana na defesa dos recursos naturais e energéticos que pertencem ao povo latino-americano. Os acordos entre a Argentina e o Brasil já estão nesse caminho. Desta forma se estimula a que os militares passem a cumprir uma função social ao lado dos sindicatos mineiros e operários, dos camponeses e indígenas, na luta pela apropriação da terra e dos recursos naturais como Estados soberanos, rompendo com a concepção norte-americana do exército de mercenários no Iraque.

O papel das correntes militares nacionalistas já foi recordado também pela presidenta da **Argentina** que, por sua vez, dirige uma luta de duplo poder contra os latifundiários exportadores de gado em razão de priorizar o abastecimento interno de alimentos, bem como de dar ênfase a projetos de educação, saúde, trabalho, moradia, cultura, recreação e acesso a serviços públicos das infra-estruturas essenciais para as populações pobres. A **Bolívia** também tem demonstrado como não há como defender as nacionalizações e a unidade do país contra a autonomia regional que encobre os interesses contra-revolucionários de apropriação regional das riquezas nacionais, sem a população mobilizada, os mineiros e a COB, recorrendo à tradição nacionalista do exército. A classe trabalhadora e os indígenas da Bolívia votaram em milhões com os pés diante do plebiscito ilegal da oligarquia separatista de Santa Cruz. Disseram um “não” a um Kosovo na Bolívia. Porém os avanços da revolução estão em risco ao se manter a luta dentro do respeito à legalidade burguesa chamando ao plebiscito sobre o mandato presidencial. Na Bolívia chegou a hora de impor o poder popular em aliança com correntes nacionalistas militares rompendo com a estrutura burguesa do exército minada por alas contra-revolucionárias. O respeito à legalidade burguesa vai até o limite em que não se coloque em risco as conquistas revolucionárias, ou que se desencadeie uma violência armada contra o povo. O alerta nos processos da América Latina deve ser constante, pois está na ordem dia uma ruptura com a função militar estabelecida pelos ianques que atuam através de suas bases militares na Colômbia, Peru e Paraguai, exclusivamente contra o narcotráfico e, o chamado “terrorismo” para justificar suas invasões territoriais. O Exército Brasileiro preocupado com as ameaças de “internacionalização da Amazonia” firmou com o Vietnã um acordo de cooperação para o intercâmbio de experiências de guerra na selva, e a academia militar programa estudos de Ho Chi Min, Giap e Che Guevara.

O processo na **Venezuela** é um exemplo e um laboratório. Ao mesmo tempo em que é um motor, junto a Cuba, do internacionalismo e da solidariedade com outros povos (os acordos petrolíferos, as *missões milagres*), avançou nas suas medidas econômicas internas aprofundando as estatizações e nacionalizações como na indústria do cimen-

to, da siderúrgica Sidor, nas telecomunicações e na criação de empresas estatais para a produção de alimentos, como o leite, tratando de responder à sabotagem do desabastecimento imposto pela oposição burguesa. Dentro do debate auto-crítico da “retificação, revisão e reimpulso” do pós-referendum de dezembro 2007, a construção do *Partido Socialista Unificado da Venezuela*, e o estímulo aos organismos de poder popular nas cidades tem sido a tarefa central para recuperar o impulso das massas que impediu o golpe reacionário de abril 2002. Em todos os processos da América Latina se coloca a necessidade de construir um Partido Unificado Revolucionário de Massas para avançar do governo ao poder. Ganhar o exército e



A eleição de Fernando Lugo no Paraguai amplia a Frente antiimperialista na América Latina

construir o Partido de massas. São duas tarefas centrais na Venezuela para impedir um novo pinochetaço e bloquear as tentativas do imperialismo contra Chávez e a revolução bolivariana.

Foi de grande importância na Venezuela a realização do *I Encontro Latino Americano contra o Terrorismo da Mídia* para criar os autênticos instrumentos de comunicação, TV, rádio e jornais, para opor-se a esse grande poder e arma de guerra que são as corporações privadas da mídia. Os mesmos que inventam mentiras de que Lula não vai de acordo com Chávez, quando na realidade decidiram ver-se a cada 3 meses e, quando por ocasião da assinatura do acordo entre PDVSA-Petrobrás para a construção da “Refinaria do petróleo Abreu e Lima” em Pernambuco, Lula fez declarações de que “Chávez era um grande pacificador”, e disse a Bush: “meu filho, você tem que se virar com a crise no seu país.

Não venha a descarregar sobre nós, justo agora que estamos, após 26 anos, pela primeira vez, levando um plano de desenvolvimento econômico”. Os mesmos, como o jornal Clarin, da Argentina, que “informam” que o Brasil faz uma corrida armamentista contra a Argentina, quando, o Brasil e a Argentina estão cooperando na construção de equipamentos, tanques de combate (“El Gaucho”), e assinando um acordo de desenvolvimento de tecnologia para fabricação de aviões e de um submarino nuclear. Não há como vencer a guerra ao capitalismo sem tomar o poder dos meios de comunicação. Telesur já é uma grande conquista, sem a qual pouco se saberia do ataque ao Equador e do papel pacificador de Chávez no intercâmbio humanitário na Colômbia; e é preciso seguir reforçando em todos os países a aliança entre os meios públicos, estatais com os meios comunitários para transmitir a verdade dos povos, suas lutas, suas idéias e culturas. É preciso formar um agência independente de notícias dos chamados países do Sul, e um Foro Internacional de Combate ao Terrorismo da Mídia.

**Cuba** é fundamental neste processo; sem os meios, nem a riqueza petrolífera da Venezuela, mas com o exemplo de sua revolução aguerrida e generosa, com Fidel e a consciência do povo cubano, resistiram ao imperialismo, ajudando todos os países da América Latina e África, com suas dezenas de milhares de médicos em 60 países da América Latina, África e Ásia, formando médicos, brindando *Missões Milagres* e projetos de alfabetização. Em Cuba se aprofunda a batalha de idéias sobre questões como o melhoramento na agricultura e no abastecimento alimentar. Hoje Cuba já não se encontra isolada como quando da derrubada da Urss; hoje conta com a criação de um Banco da ALBA e a ajuda solidária da Venezuela, do Equador, Brasil, Bolívia, Nicarágua, China, Rússia e Irã e, portanto deve apoiar-se nesse novo processo latino americano para avançar ao socialismo. Cuba continua sendo o exemplo de como a revolução socialista, as estatizações com poder popular podem eliminar a fome, o analfabetismo, os sem-tetos e gerar um povo culto, com elevados indicadores de saúde e decidido na defesa do socialismo como único caminho de liberação dos povos, custe o que custar. Se estão estabelecendo as condições para uma grande **Federação Socialista dos países da América Latina.**

## As ambições da OTAN para ser a polícia do mundo se enfrentam com a resistência dos povos



Detenções administrativas de centenas de jovens que cercaram a sede da OTAN em Bruxelas, contra a invasão no Iraque e no Afeganistão

A cúpula da OTAN em Bucarest, que reúne os chefes de estado dos 26 países membros da Aliança, expressou as ambições da OTAN de ser a polícia do mundo com grandes resistências dos povos vítimas destas guerras, a elevação de uma frente objetiva antiimperialista entre a China, Rússia, os Estados Revolucionários da América Latina e do Oriente Médio e Próximo, e a oposição da população, em vários países europeus como no Canadá e no próprio EUA, contra esta corrida infernal aos armamentos e à guerra.

Não é casual que a Cúpula colocou como objetivo essencial a «obrigação de ter êxito no Afeganistão». Desta forma, impor a autoridade do governo de Karzai e das tropas de ocupação da Isaf e dos EUA em todo o país, e exigir respeito dos seus vizinhos, Irã e Paquistão. Para esse objetivo, decidiram aumentar a participação dos países membros em soldados aptos aos combates, em material logístico, em aviões capazes de carregar armas atômicas (os F-16), e estabelecer uma estratégia por muitos anos de presença otaniana nesta região.

A cúpula da OTAN resolveu também integrar-se ao sistema de escudo antimísseis que já está sendo instalada na Europa, através de acordos entre os EUA e os governos checo e polaco. Estes mesmos acordos foram firmados solenemente em plena reunião em Bucarest e receberam o aval de todos os países além da resolução de preparar um sistema antimísseis capaz de cobrir todos os países europeus. Da mesma forma, o Irã foi designado como o «inimigo» contra o qual há que se proteger.

A OTAN busca reafirmar a vontade de muitos governos dos países membros e,

em primeiro lugar, a dos EUA, de passar por cima das Nações Unidas, de conseguir o que se chama «uma aliança das democracias» com o objetivo de caçar os «extremistas e os terroristas» em qualquer lugar do planeta, de sair na defesa de qualquer de seus membros, seja fora ou dentro do território; dá maior destaque a as-

segurar o abastecimento energético dos seus membros.

Estas são suas tres metas fundamentais. Mostram que, apesar dos fracassos do imperialismo em impor-se no Iraque como no Afeganistão, não tem outro caminho que seguir na mesma linha: melhor o caos que a retirada! E também na questão da instalação do sistema antimísseis, passam por cima da oposição das massas que, como na Chequia ou na Polônia, não param de manifestar seu pleno rechaço: assim defendem as democracias. A «aliança das democracias» se mostra um claro sinônimo de uma aliança de interesses comuns capitalistas contra os povos do mundo que querem recuperar a soberania sobre seus recursos minerais e energéticos.

Isso é o que se propõem. Outra coisa é saber se vão conseguir realizar. A firme oposição da Rússia ao escudo antimísseis, à integração da Geórgia e Ucrânia à OTAN, e ao reconhecimento da cisão do Kosovo, é um apoio à luta das massas na Europa que não aprovam essa corrida armamentista. Da mesma forma, é importante a decisão do governo do Irã de não ceder às intimidações tanto dos yanques, da União Européia e da OTAN. O Irã sente a sua resistência apoiada pelos Estados revolucionários da América Latina, pela Rússia e pela China.

É preciso recordar que a OTAN participou das manobras navais dos EUA no Caribe desde o ano 2007, com o pretexto da luta contra a droga e de proteção ao «território holandês» ao redor da costa venezuelana. Era uma manobra tanto política como militar, contra Cuba, e contra o governo revolucionário da Venezuela e os novos Estados revolucionários da América Latina. Por isso, é muito importante o atual projeto de integração militar latino-americano independente dos Estados Unidos para impedir esta pretensão da OTAN de ser a polícia do mundo.

# A falência do sistema educacional capitalista e o movimento estudantil de 68 na França

4 de julho de 1968

São muito importantes as reivindicações por uma maior participação dos estudantes nos órgãos de direção das universidades, no programa de estudo, na administração, nas matérias a discutir. Tudo isso é muito importante. Mas o capitalismo francês não pode sustentar isso. É preciso apoiar estas reivindicações dos estudantes, mas chamando novamente a uma agitação para discutir o sistema educacional. O sistema educacional capitalista deve ser substituído pelo sistema educacional socialista. A base fundamental da discussão do novo sistema deve ser: para que serve a educação? Simplesmente questionar isso: qual o objetivo da educação? O sistema educacional, cultural – primário, secundário, universitário –, organizado em função da propriedade privada não traz benefício para a humanidade. O sistema educacional capitalista é falso. A medicina, as ciências, a química, a geometria, a agricultura, tudo deve ser voltado para o sentimento e para a necessidade coletiva da sociedade.

## O capitalismo não pode promover a educação

Para cumprir essa função, a direção da Universidade tem que ter o programa que corresponda ao interesse de toda a sociedade. Entre cultura e sociedade não pode haver diferença, mas unidade. A cultura prepara o conhecimento para o progresso coletivo da sociedade. Na sociedade capitalista essa condição não existe porque a sua função é desenvolver o sentimento individualista que sirva ao sistema capitalista e nada mais. Por isso, ainda se mantém o programa e a estrutura de funcionamento de 500 anos atrás; inclusive, escolas, casas, edifícios daquela época. Por quê? Porque não há interesse pela propagação da cultura. Ao contrário, o desenvolvimento cultural é contido e se constitui uma pequena “claque” que lhes serve diretamente à função de concentração da técnica nos moldes capitalistas.

O sistema capitalista não tem mais interesse no desenvolvimento universal e geral da cultura porque já não precisa dela. O que mais necessita agora é do exército de profissionais com conhecimentos técnicos e científicos. Enquanto



isso, as massas estudantis, mesmo de origem burguesa, sentem que o sistema capitalista não lhes oferece mais perspectiva. Sentem o ambiente de relações de corrupção, de desintegração e ausência de relações humanas. Por outro lado, o avanço dos países socialistas, a luta das massas do mundo, as estimulam, influenciam e impulsionam o sentimento coletivo e socialista da humanidade. As massas estudantis, em sua revolta contra o sistema capitalista, estão manifestando diretamente a influência da revolução mundial sobre elas, expressada em formas de sentimento fraternal, coletivo e socialista. Mesmo que não formulem politicamente através de um programa socialista, de partido, de objetivos e táticas socialistas, estão impulsionadas por tais sentimentos. Não são ganhas pelo sentimento capitalista, mas pelo socialista. Se fossem atraídas pelo sentimento capitalista, de confiança na técnica atômica, na perspectiva capitalista, o capitalismo já as teria organizado, como fez em outras etapas. Quando ele já não tem forças para organizar o movimento universitário e profissional, é porque já não necessita dele; e um processo de seleção se acentua, eliminando uma maior quantidade de estudantes. Mas estes sentem o impulso, o ascenso e o desenvolvimento mundial da revolução socialista. Por isso, os movimentos universitários propõem diretamente programas socialistas em todo o mundo. Já não são reivindicações que possam ser comparadas com a reforma universitária conquistada em 1918. Não se trata mais disso. Hoje já é uma questão pura e simplesmente de programa socialista. Naquela época tratava-se do programa da reforma universitária para eliminar a dependência à Igreja. A burguesia necessi-

tava avançar. Por isso, na maioria dos países atrasados apoiou-se a reforma universitária, pois era uma necessidade para o desenvolvimento do mercado interno. Hoje o capitalismo para ter um mercado interno deve impedir o avanço da revolução socialista. Esse é um dos progressos mais importantes do significado da revolta estudantil.

A revolta dos estudantes na França (1968) é contra a política conservadora, conciliadora com o capitalismo, mas sem a consciência do programa, dos objetivos, da tática. Saem a manifestar a sua vontade revolucionária e a rechaçar a política conciliadora. É preciso desenvolver a consciência e a luta pelo programa anti-capitalista, de expropriação, de planificação da produção. A defesa de um programa escolar através do qual os estudantes desenvolvam estudos de construção de casas, serviços de saúde, de obras sanitárias, de eletrificação, estradas e de produção social. É preciso que os estudantes proponham planos para isso. O estudo deve ser para aplicar imediatamente: a física, a química, a medicina, a eletricidade, tudo em benefício das massas; veículos, transportes, casas em função das massas. Afinal, qual é o objetivo da cultura? Beneficiar a humanidade. Essas são as atividades que devem ser feitas já, discutindo e chamando os sindicatos a intervir em função desse plano. Há que levar adiante tais planos mesmo contra a vontade das direções e ir constituindo direções que os apoiem. É necessário que todas essas discussões sejam feitas acompanhadas por posições concretas, por medidas objetivas sobre os problemas da cultura, da ciência, da arte, e dos estudantes; e a cada passo concreto, desenvolver um programa segundo o país.

Esta greve geral revolucionária da França foi tomada em todo o mundo como um centro de orientação; muito mais para os estudantes do que para o proletariado. Porque este está mais sujeito, mais submetido às suas organizações sindicais. Enquanto que os estudantes têm mais liberdade; e, anteriormente, estiveram em piores condições que o proletariado. E isso deu um impulso para a organização do movimento estudantil. A repercussão da luta revolucionária e socialista das massas do mundo sobre as lu-

tas estudantis já indica que toda a sociedade está questionando o capitalismo.

## O movimento estudantil no mundo após 68

Essa luta na França teve uma repercussão imediata e influiu no ascenso das lutas das massas do mundo. Um dos ecos mais importantes foi no Chile. Aí os estudantes conquistaram a paridade quase completa na direção da universidade, o direito de um terço a um quinto, inclusive na determinação do currículo; eliminaram uma série de travas ao funcionamento do movimento estudantil e da sociedade.

A greve geral revolucionária e a mobilização dos estudantes na França serviu para a unificação, a organização e o avanço do movimento universitário mundial, mas também, para dar um programa. Na maioria dos países onde o movimento universitário se desenvolve, o faz com base em um programa que já não é o da reforma universitária. É infinitamente superior. Já se questiona a direção capitalista. Por isso em todos os países onde as lutas estudantis continuam se desenvolvendo, elas não se limitam simplesmente ao campo do estudo, à defesa de pontos como a necessidade do estudo prático da anatomia ou de eliminar os padres das escolas. Ao contrário, os padres agora vão à universidade para apoiar a revolução social anti-capitalista. E os estudantes exigem a direção coletiva da universidade; ou seja, questionam a direção capitalista, impõem a direção coletiva, o currículo decidido por eles mesmos, a eleição de professores, a eliminação de exames vestibulares e de graduação, o fim da seleção e a abertura da escola à população. Estão questionando algo que o sistema capitalista não pode conceder; não pode aceitar uma maior quantidade de alunos, ao contrário, tem que eliminá-los; não pode suportar maior investimento, mais verbas para construir mais salas de aula, mais centros, aperfeiçoamento dos meios técnicos, melhores condições de estudo, melhores meios científicos de estudo, e a renovação de todo o sistema de ensino; não pode aceitar um sistema de ensino moderno, que demonstre que o ser humano tem uma potência inesgotável (incluindo nisso a moderna cirurgia cardíaca), e que não há nada que não possa ser alcançado com a organização coletiva da sociedade. Os estudantes questionam a direção, o futuro e a própria existência do capitalismo.